

# PRÁTICAS ALTERNATIVAS NA CIÊNCIA, (DES)OBJETOS, VIDAS INÚTEIS E DEVIRES ANIMAIS NA ARTE

Antonio Almeida da Silva

*Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)/ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)*

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, Guilherme Trópia Barreto de Andrade

*Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)*

**RESUMO:** Encontramos nas artes outras maneiras de se fazer e pensar práticas ligadas às ciências. Propostas artísticas que também são ecológicas, inventam outras ecologias que operam por meio das sensações e afetos. Buscamos em alguns trabalhos do artista Mark Dion experimentar possibilidades de pensar práticas ecológicas alternativas. Nas produções de Mark Dion tudo está aberto a experimentação constante, por meio de práticas artísticas e ecológicas não convencionais, assim, o artista instaura uma ecologia do despropósito, do efêmero e do transitório, arrastando a ecologia para o campo das práticas (im)possíveis, buscando na arte contemporânea, as mais polêmicas e controversas questões sobre o meio ambiente, uma aposta política e estética sobre as arestas da ecologia que inventam conexões entre arte, filosofia e ciência.

**PALAVRAS CHAVE:** Arte, ciências, filosofia, Mark Dion.

## **INTENCÕES E PROPOSIÇÕES: ALGUNS OBJETIVOS.**

Apresentamos algumas produções de Marco Dion como práticas artísticas para pensar novas ecologias da emissões e disseminações capazes de promover práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, que criem ressonâncias potentes para pensar o ensino de ciências e biologia, a formação de professores de biologias, de artistas-biólogos, de ecólogos-artistas, filósofos-artistas-biólogos,... e outras composições que esse pensamento possa afetar a produção de subjetividade, percepção, sensibilidade, singularidade e criatividade.

As diferentes produções de Marco Dion como dispositivo para pensar em outras práticas de ensino de ciências. Buscamos pontos de encontros, intersecções, fricções e escapes entre a arte, a filosofia e a ciências.

## **ENTRADAS, APORTES TEORICOS E METODOLÓGICOS**

No seio de novas problemáticas do contemporâneo, emergem práticas e experiências não convencionais em diferentes espaços e lugares do mundo, que movimentam percepções estéticas e poéticas com diferentes objetos e com a natureza. Forças ecotópicas que permitem transgredir concepções fechadas da cultura, da ciência e da própria arte. A arte como “accessibilité” para as situações não estáveis, plurais que se (des)organizam, (des)dobram, interrompem-se e relativizam os paradigmas tradicionais.

No presente trabalho recorreremos à obra dos filósofos Gilles Deleuze (1998, 2010 e 2012) e Stengers (2002) entre outros que apostam nos contágios trazidos pelos atravessamentos da arte.

Apresentamos escritas sobre algumas produções artísticas atravessadas pela natureza e assim pensar com os artistas possibilidades de inventar artes, ciências e ecologias.

A escritura não tem outro objetivo: o vento, mesmo quando nós não nos movemos. (DELEUZE, 1998, p. 61).

Artistas que inventam formas e possibilidades de diálogo através e com a natureza. Inventam aqui nesse artigo desejos de pensar com esses artistas práticas ecológicas alternativas.

Busquemos nas diferentes produções artísticas provocar e tencionar práticas criativas e inventivas que subvertem a ecologia, bem como, trazer para dentro da Prática de Ensino de Ciências/Biologia alguns ruídos, fricções e forças que visualizam a possibilidade de diálogo com a criação e a experimentação. Para esse artigo escolhemos explorar algumas possibilidades de escrita com e sobre as obras do artista americano Mark Dion, escolhemos esse artista por acreditar que o mesmo apresenta uma proposta riquíssima e ao mesmo tempo subversiva de experimentar espaços de diálogo entre a arte e a natureza.

## **ESCRITAS COM A ARTE QUE MOVIMENTAM AS ECOLOGIAS E NOS TRAZEM ALGUNS RESULTADOS.**

Encontramos na arte contemporânea outras maneiras de se fazer e pensar ecologia e as práticas ligadas às ciências. Artistas, animais, plantas, minerais e diferentes objetos agenciam encontros entre as diferentes naturezas. Tangeia-se e pangeia-se fragmentando as fronteiras existentes entre natureza e cultura. Propostas artísticas que são ao mesmo tempo ecológicas, inventam outras ecologias que operam por meio das sensações e afetos.

À arte cabe bloco de afetos: afetos marinhos, afetos minerais, afetos de quartzo, afetos de silícios, afetos de bronze, afetos de cloreto de sódio, afetos de folhas, afetos de cipós, afetos de ácaros, afetos de vespa-orquídeas. Assim, a arte se reinventa em procedimentos diferentes ao tentar “arrancar o percepto das percepções do objeto”, e ainda “arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro” (DELEUZE, 2010, p.197), trava-se uma batalha entre o corpo do artista e o objeto, seja ele vegetal ou mineral faz disso um “enlace ou o corpo a corpo (quando duas sensações ressoam uma na outra esposando-se estreitamente, num corpo a corpo que é puramente ‘energético’ (DELEUZE, 2010, p. 199).

Encontramos em diferentes artistas espalhados pelo mundo práticas alternativas, ancestrais, inovadoras que arrastam os diferentes elementos da natureza para compor com o improvável, com o efêmero e com o transitório. Artistas que colecionam despropósitos e dão a eles possibilidades de existência. Propostas artísticas que entendem a natureza como uma intensa potencialidade de experimentação.

Esses movimentos artísticos e ecológicos põem em cheque essas posições e classificações hierarquizadas, de dualismos preestabelecidos entre humanos e animais, máquina e humano, natureza e cultura. Movimentos que apostam em suas velocidades e lentidões a fim de desmancharem com a força do tempo todo, quem sabe os pingos da chuva possam causar alguns borrões ou até mesmo macerar os contornos precisos, sólidos que separam vida e arte (vice-versa). Que chova muito e com ventos fortes para fragmentar e dilacerar toda ausência do sensível. Que após a chuva venham os mais estranhos insetos para mastigar os restos da robusta e enrijecida crosta formada pela falta de contágio e pelo esvaziamento de ferramentas que movimentam o pensar, para que seja possível brotar da terra forças anárquicas, abertas e imprevisíveis e insustentáveis.

Para Stengers (2002) não se trata de atacar as práticas científicas, mas, de defendê-las contra sua imagem de autoridade alheia, que constitui sua relativa confiabilidade, neutralidade, objetividade e racionalidade. Aqui o convite é experimentar uma dança na contradança dos ritmos de um velho mundo, novos feitos de alianças móveis e complexos movimentos entre ciência, filosofia e arte.

O que chamamos aqui de outras ecologias são de certa maneira conjuntos de formas e práticas que, por meio da estética, poética e do encontro com o devir artístico, de certa forma, possam apresentar para as ciências da natureza outras formas de abordar, apresentar, arriscar e experimentar com a vida.

Os artistas, cientistas e ambientalistas pensando e cultivando em outras composições ecológicas, entendendo aqui as relações entre arte e ecologia como um meio de estabelecer um sistema ecológica-mente privilegiado para o nascimento e o cultivo de novas experiências com a natureza. A arte inventando outros modos camaleônicos de eco-existência e eco-estar no ambiente.

Não queremos de nenhuma forma desqualificar os inventos e proposições pela ciência; nós gostamos muito dos planos de referência e das determinações que a física, a química e a biologia trazem e até colecionamos alguns dos seus inventos. “Também há tanta criação em ciência quanto na filosofia ou nas artes. Nenhuma criação existe sem experiência” (DELEUZE, 2010, p. 152).

E, por mais fortemente que um artista se interesse pela ciência, jamais um composto de sensações se confundirá com as ‘misturas’ do material que a ciência determina em estados de coisas, como mostra eminentemente a ‘mistura óptica’ dos impressionistas (DELEUZE, 2010, p. 197).

Para os artistas a natureza não é somente uma paisagem mais um campo estético, ético e político de se fazer arte.

Nesses práticas ecológicas por meio da arte habitam alguns seres/artistas que se ocupam em experimentar com as diferentes (i)materialidades da natureza. Para esse artigo, escolhemos algumas produções artísticas que de certa forma mostram algumas possibilidades de criação e experimentação com os elementos mais simples e banais sem utilidade, desde gravetos, folhas, pedras, objetos abandonados, tudo presta para essas práticas ecoartísticas, assim, os diferentes artistas criam com o improvável, experimentam e inventam outras existências com diferentes elementos do cotidiano.

Apresentamos algumas propostas artísticas que deslocam de uma ideia clássica de beleza para o inusitado. *As coisas que não levam a nada / têm grande importância.* (BARROS, 2010, p.145).



Fig. 1. Aterro (1999-2000), Mark Dion<sup>1</sup>

1. Mark Dion, 1999-2000. Disponível em: <http://www.art21.org/files/images/dion-005.jpg> 07dezembro de 2016.

Entre inúmeras possibilidades de pensar as relações entre arte e ciências, Mark Dion constrói práticas alternativas buscando no improvável, no incomum, outras formas de pensar a natureza. É na precariedade dos materiais que se apresenta sua crítica ao excesso de consumo e o modo de vida capitalista. Assim, o artista subverte posições hierárquicas e pretensões da ergonomia fazendo do encontro com a natureza e a cultura um “relacionamento voluptuoso”.

Com hábitos subterrâneos, tal qual uma toupeira, o artista escava, remove detritos, objetos e seres inúteis e os dispõe nas galerias dos museus, intervalando entre hábitos diurnos e noturnos, com gestos farrapeiros, o artista montueiro coleciona restos (in)humanos fruto do descaso e do desperdício. O artista como um explorador dos vestígios garimpa os diferentes detritos, deslocando os objetos de seu ambiente e sua função. Colocando à disposição diferentes seres (objetos, minerais, vegetais e animais) a novas organizações, classificações e nomenclaturas, apresentando uma nova ordem a natureza através de seus ecossistemas (im)possíveis. Assim, o artista escava outras maneiras de compreender o mundo natural, entre métodos científicos e objetivos. Mark Dion arrasta a natureza para novas formas de subjetividade.

O artista tal qual um tilonorrinco captura diferentes materiais para compor novos abrigos para as diferentes naturezas. Assim, o artista é habitado por seu devir insetívoro, devir pássaro e devir subterrâneo para inventar outras formas de dizer sobre a natureza.

O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele devém; e, simultaneamente, o devir-outro do animal é real sem que esse outro seja real. É este ponto que será necessário explicar: como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro (DELEUZE, 2012, p. 19).

Entre um animal e outro passam muito seres, seres que atravessam, habitam e produzem outros seres heterogêneos e complexos, formando rizomas. “As multiplicidades não param, portanto, de se transformar umas nas outras, de passar umas pelas outras” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 33).

Devires coleópteros, insetos rola bosta, que coletam possibilidades com materialidades diversas. Artista atua como um inseto coprófago, coleta o inusitado, dá forma e contorno as coisas ínfimas, descasca as asperezas da natureza, apanha e coleciona utensílios, explora os elementos da terra.

Estranhas criaturas e diferentes objetos recuperados do lixo invadem os espaços dos museus e galerias, objetos fantásticos se alojam nos gabinetes de curiosidades, uma natureza por vir apropriando-se de métodos científicos e arqueológicos, o artista traz outras questões para as práticas tradicionais de pensar arte e ciência.

Pedaços de vida, vidas inteiras, vidas penduradas em um galho de árvore ou postas em um gabinete para satisfazer a curiosidade dos visitantes das galerias de diferentes museus. Mark Dion coleciona e vasculha diferentes coisas, entre as coisas (des)objetos, animais, plantas, papéis, livros, cadernos, entulhos e afetos. O artista despurifica a Ecologia, apresentando outras performances e posições da natureza.

Expurgam da vida suas impurezas, perfuram com um bisturi um corpo repleto do descaso, no último suspiro marítimo tenta salvar formas de vidas diante dos imersos destroços. No último suspiro, ela morre. Não há vida que se adapte as plásticas e disformes naturezas fruto do consumo excessivo.



Fig. 2. Ichthysaurus, Mark Dion, 2003

## CONSIDERAÇÕES QUE ESCORREGAM NOS RESULTADOS

Artistas como Mark Dion buscam nos vestígios de uma natureza contemporânea inventar outras maneiras de apresentar as polêmicas e controversas questões sobre o meio ambiente, uma aposta política e estética sobre as arestas da ecologia, suas instalações nos afetam e nos provocam para pensar em outras composições e imagens da natureza e da ciência.

Mark Dion arrasta a ecologia para o campo das práticas (im)possíveis, inventando outras narrativas para as ciências. Narrativas que permitem criar uma ciência por vir, uma ciência que hibridiza e colhe diferentes formas de vidas, que põem em cheque essas posições e classificações hierarquizadas para inventar novas inter-relações entre os seres, no desejo de experimentar com as diferentes materialidades orgânicas e inorgânicas, práticas alternativas que arrastam diferentes elementos para compor com o improvável, com o efêmero e com o transitório.

As produções de Dion também fazem atravessamentos nas práticas de ensino, trazendo certas tipologias que não cabem no ensino tradicional, permitindo pensar processos pedagógicos informais, formais e não formais diversos, e nas possíveis invenções e derivações da prática pedagógica em ciências. Suas obras ao mesmo tempo que sensibiliza o aluno/professor espectador, desperta a necessidade de agir de forma criativa, inter-relacionando com diferentes maneiras de pensar as práticas científicas.

A arte, mas não somente ela, é uma das maneiras de trabalhar na direção da problematização e da re-invenção de si e do mundo. Essa não é a única alternativa, mas quando atua de forma não disciplinar, ela fornece efetivamente condições para evitar automatismos perceptivos. A experiência estética de certa maneira tem, assim, o potencial de desencadear processos de aprendizagem, não se trata de aprendizagem mecânica ou intelectual, nem daquela que se baseia na transmissão de informações, mas de um processo inventivo, que inclui a capacidade

de problematizar, de criar novos problemas, em que somos obrigados a pensar e ir além da prática educativa.

Assim, arquitetamos possibilidades de inventar ecológicas através da arte, proliferamos algumas escritas através da arte para pensar com os artistas relações entre arte, natureza e cultura. Inventemos possibilidades de encontros e diálogos dentro e fora do universo das ciências, assim como Stengers (2002) pensa novos desafios e práticas, que inventam uma ciência, práticas essas que engendram uma dança aberta para as concepções de ciências e das cosmopolíticas do possível.

A arte como uma aposta na dissolução das fronteiras entre natureza e cultura, nas deformações da história natural, nas estruturas que governam e regem o mundo natural.

Diante disso, ensaiamos possibilidades de pensar, assim como Stengers (2002) descreve as ecologias das práticas científicas como uma ferramenta para pensar em práticas que suspendem certa oposição entre arte e ciências. Que as ecologias das práticas nos façam pensar, que libertem a Terra para qualquer coisa, que nos libertem para novas práticas e possibilidades de estar presente.

#### INTER (FE) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G., PARNET, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. (2012). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol 4, São Paulo: Editora 54.
- (2010). *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- (1997). *Mil platôs – capitalism e esquizofrenia*, vol 5, Rio de Janeiro: Editora 34.
- STENGERS. I. (2002). *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34.